

CRONICA MENSAL



Na sua Mensagem ao Congresso de 3-1-1940, o presidente Roosevelt viu-se constrangido a afirmar: «as forças sociais e económicas, foram mal utilizadas além-mar e daí resultaram (todas as grandes perturbações)».

Também no seu último discurso, o primeiro ministro inglês, Chamberlain, segundo o relato da Havas, declarou: «Uma das nossas finalidades principais, será a renovação do comércio internacional». («Primeiro de Janeiro» de 2-2-1940).

No mesmo discurso acrescenta que «devemos pôr termo à política defeituosa do nacionalismo económico e da autarquia, que tanto contribuiu para dismantelar o último grande tratado de paz». Já anteriormente (em 26-11-1939) o mesmo político afirmara: «Nessa Europa—a da vitória franco-inglesa—reconhecer-se-ia que não pode haver paz duradoura a não ser que exista um fluxo constante de comércio, entre as nações interessadas».

Bem compreender estas declarações é tomar verdadeira consciência do problema para cuja solução se fizeram falar as armas. Esse problema é o da luta entre a extensão cada vez maior dos mercados e a formação de blocos autárquicos. As raízes da guerra estão, pois, no conflito que opõe os produtores de mercadorias como concorrentes, desde a feira aldeã até ao mercado mundial.

O desenvolvimento económico do mundo foi extraordinariamente irregular. Enquanto uns países atingiam um máximo de industrialização outros quedavam-se amodorrados na fase da economia agrária e passavam a depender dos primeiros. A Grã-Bretanha vinha, antes de 1914, a grande distância dos outros concorrentes como primeiro país comercial do mundo. Quasi quatro quintos das operações mercantis do universo correspondiam ao tráfego marítimo e a Inglaterra possuía à sua conta 42 % da frota mercantil mundial. A sua balança de comércio apresentava um passivo astronómico; em 1913 importava mercadorias no valor de 770 milhões de libras contra uma exportação apenas de 162 milhões. A-pesar-de ser um país rico; a-pesar-dos juros dos capitais invertidos no estrangeiro em indústrias, explorações agrícolas e mineiras, empréstimos aos outros governos; a-pesar-dos lucros fabulosos dos fretes marítimos e da indústria de seguros, tudo excedendo de longe o seu «déficit» comercial,—a-pesar-de tudo isso a Grã-Bretanha temia os preságios de mau agouro que se mostravam no horizonte.

«A supremacia inglesa—escreve Max Georg Schmidt (1)—viu erguer-se uma ameaça no facto de alguns países ultramarinos, que antes proviam as fábricas inglesas com matérias primas, por exemplo, Japão, Índia, Egipto, etc., começaram a acusar paulatinamente a tendência de elaborar autonomamente os produtos dos seus respectivos territórios, e a diminuir a importação europeia mediante a confecção d'artigos por conta própria. Por sua vez as nações do continente foram eliminando a intermediação mercantil inglesa. Enquanto que trinta anos atrás Londres abastecia os países continentais com a maior parte dos produtos procedentes do Ultramar, agora, existindo linhas marítimas directas entre os portos belgas, holandeses e alemães do Mar do Norte e os portos mundiais extra-europeus, as mercadorias podiam circular de um modo imediato entre o Ultramar e o Continente europeu. O antigo monopólio da cidade do Tamisa, mantido durante quasi dois séculos, foi quebrado, embora Londres continuasse sendo o primeiro porto do mundo.

«A Grã-Bretanha continuou sendo a primeira potência industrial da época; mas em volta dela elevaram-se outros países à categoria de estados industriais de primeira ordem. Entre eles destacou-se, de modo cada vez mais ameaçador, a Alemanha, acossando em muitas ocasiões o comércio inglês... Por outro lado, enquanto a percentagem da Alemanha, na frota mercantil mundial, aumentava rápida e constantemente, a percentagem da Grã-Bretanha aumentava escassamente.

«Nas plantações de café da Guatemala, nas de tabaco de Sumatra, nos filões auríferos do Transvaal, nos empréstimos públicos da Austria-Hungria e México, nos caminhos de ferro da Venezuela, nos Balkans e na Asia Menor, nos florescentes estabelecimentos do sul do Brasil, em todas as partes se viu aparecer o espirito mercantil alemão, fecundado pelo seu capital. A actividade do comerciante alemão estendia-se a todo o globo e a antiga legenda da Hansa, «O meu campo é o mundo», convertera-se em realidade.»

O duelo franco-germânico não era menos violento do que o duelo germano-inglês. Em França o crescimento da grande indústria lutava com a existência de poucas remessas carboníferas, sobretudo após a passagem da Alsácia-Lorena para o domínio alemão. Gustavo Le Bon («Premières conséquences de la guerre»; ed. Hachette) chegou a afirmar que, se não tivesse rebentado a guerra e se as coisas continuassem no mesmo ritmo, a Alemanha teria conquistado a França e o seu império pacificamente. Por seu lado os Estados Unidos, que tinham inicialmente contribuído para o comércio do mundo sobretudo com a exportação de produtos agrícolas, atingiam um desenvolvimento industrial de primeira ordem e ocupavam Cuba, Porto-Rico, Hawaii, as Filipinas e compravam o Canal de Panamá.

A guerra de 14 eclodiu e desenrolou-se com todas as características duma «guerra de potências que aspiram à hegemonia mercantil». Derrotados os impérios centrais, as colónias e os mercados alemães foram distribuídos pelas potências vencedoras. Estas, mal terminada a guerra, entraram logo numa competição económica desenfreada. Os Estados Unidos aumentaram a sua frota de comércio quasi de 240 %. O Japão, que figurava anteriormente em sexto lugar como potência marítima, passou para o terceiro lugar com um aumento de 75 %. Durante a guerra o comércio deste país aumentou de 172 %.

A América do Sul passa para a dependência económica dos Estados Unidos, que lutam tenazmente por expulsar os europeus do Indico. Por sua vez os nipónicos esforçam-se por fazer do Oriente a sua zona de influência, expulsando de lá os interesses dos brancos. A concorrência torna-se, de novo, cada vez mais forte ao mesmo tempo que antigos grandes mercados como a U. R. S. S. se fecham à dependência do capital estrangeiro.

Desenvolve-se a tendência para as autarquias. Certos países procuram libertar-se da concorrência mundial, erguendo a sua vida económica à sombra das protecções pautais de toda a espécie. «Por uma regressão insensata na maneira de pensar—escreve M. G. Schmidt—acreditou-se na possibilidade de que algumas nações se pudessem bastar a si próprias e em que o «Estado mercantil hermético» imaginado por Fichte, teria no século XX uma feliz realização. As consequências inegáveis deste retorno à «economia nacional exclusiva» que nos recorda as monarquias de XVII, foram as restrições angustiosas de que o consumo foi objecto, não só quanto a artigos secundários mas até quanto aos de primeira necessidade; outra consequência menos aguda mas mais transcendental, foi a da enorme proliferação de ódio que proiongou os horrores da guerra nos pacíficos (?...) campos da economia e da cultura.»

As principais potências industriais vivem de crises profundas. Há pânico nas bolsas. Têm de entrar, por sua vez, no regimen de restrições. Joseph Barthélemy queixa-se amargamente de que, na Câmara dos Deputados em França, existe um mapa da Europa onde se traçaram as fronteiras em relevo, de altura proporcionada ao rigor das tarifas aduaneiras e nele há países que parecem sumidos no fundo dum poço (Revue politique et parlementaire, Março de 1927).

Que seria das grandes potências industrializadas se os países que até aqui serviam de escaudouros para os seus produtos, desenvolvessem todos indústrias próprias? Algumas das mais ricas nações da Terra, a Grã-Bretanha em primeiro lugar, passariam a ser das mais pobres.

A Alemanha retoma a luta que perdeu em 1914. Na América do Sul e Central o seu comércio ameaça a preponderância dos Estados Unidos. Os Balcans passam para o seu domínio económico; em 1938 já 58 % do comércio total destes é

(Continua na página dezoito)

(1) História del Comercio Mundial, Editorial Labor, S. A. Barcelona—Buenos-Aires. Páginas 161 a 162 e 173.